

2

# Batuko

Arte, Cultura, Africanidades e  
Internacionalização



# Batuko

Arte, Cultura, Africanidades e Internacionalização

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## REITORIA

Roque do Nascimento Albuquerque  
Reitor pro tempore

Claudia Ramos Carioca  
Vice-Reitora pro tempore

Joaquim Torres Filho  
Chefe de Gabinete

## PRÓ-REITORIAS

Antônio Célio Ferreira dos Santos  
Pró-Reitor de Planejamento

Artemisa Candé Monteiro  
Pró-Reitora de Relações Institucionais

Carlos Mendes Tavares  
Pró-Reitor de Extensão, Arte e Cultura

Geranilde Costa e Silva  
Pró-Reitora de Graduação

James Ferreira Moura Junior  
Pró-Reitor de Políticas Afirmativas e Estudantis

José Olavo da Silva Garantizado Junior  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Leonardo Teixeira Ramos  
Pró-Reitor de Administração

## Arte da Capa



**Colagem Vetorial**, 2020

Manipulação Digital

Marco David Castro da Silva

“Dossiê dinâmicas culturais e expressões artísticas em cidades do interior: um olhar a partir da UNILAB” é pertencente à Batuko: Revista Cadernos de Arte e Cultura da Unilab. Visa – em sentido geral – ao aprofundamento de reflexões acerca das múltiplas articulações entre Universidade, comunidade, arte, cultura e educação a partir de miradas diversas.

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| Apresentação .....   | 04 |
| Política de promoção e divulgação das culturas na Unilab-CE:<br>uma reflexão sobre programa de extensão Vozes d'África e<br>Projeto Uniculturas: unidos pela integração<br>Anéximandra da Silva .....                  | 06 |
| Firkidja di no kampada na arte, cultura e literatura<br>Justino Gomes, Lucas Jaime Indi .....  | 11 |
| Encenando o livro didático de história: o entusiasmo e o<br>lúdico como possibilidade pedagógica<br>Vico Melo, Banuma Alberto Caetano Pinto, Emílio dos Santos Fernandes Júnior .....                                  | 17 |
| O grupo Uniculturas e suas ações de incentivo a integração<br>na Unilab e na comunidade externa<br>Antônio Gislailson Delfino da Silva .....   | 22 |
| Coral Sem Fronteiras da Universidade da Integração Internacional<br>da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês-BA<br>Paulo Sérgio de Proença, Xavier S Mendes, Gerson Felemon da S. Less, Piquinina Oliveira ..... | 26 |
| O lugar das línguas africanas e sua relação com a<br>formação de identidades na Unilab<br>Alexandre António Timbane .....  | 33 |
| Colorismo Transatlântico: sobre cabelos e marcas da pele<br>para mulheres negras africanas e afro-brasileiras<br>Denise Ferreira da Costa Cruz .....   | 39 |

## Apresentação

Tivemos privilégio de receber convite da PROEX para organizar esse dossiê sobre Arte, africanidades e internacionalização, considerando as propostas apresentadas por grupos de professores e discentes que fazem extensão e que se debruçam com sua pluralidade de olhares sobre diferentes aspectos de artes e cultura na UNILAB nos campus avançados em dois estados e regiões, o Maciço de Baturité no Ceará e o Recôncavo baiano, no estado da Bahia de modo que as reflexões trazidas ao público são as experiências vividas e trabalhos desenvolvidos pelos autores nos seus projetos.

Estamos passando, nesse momento, por múltiplas crises, sendo a maior delas a sanitária, mas também política, institucional e civilizacional. Em crise, cabe nos refletir, repensar estratégias de (re) existência, inquietar e surpreender, papel que a arte e cultura deve exercer, sempre. As encruzilhadas da realidade atual nos levam a pensar que devemos buscar reinventar os nossos estados de alerta e confrontação, as gingas e os jogos de corpo que por agora devem ser macios, disfarçados, mas não menos incisivos que se dá numa ligação afetiva academicamente com mesmo objetivos e interesse.

A arte é a capacidade ou habilidade que uma pessoa tem de fazer ou de construir algo, porém ela e a cultura andam de mãos dadas. Portanto a cultura é conjunta de normas, tradições, arte, costumes, de um determinado povo ou grupo social. Eminentemente ambas têm ligação importante, a cultura geralmente está coligada em diferentes tipos de artes como a música,

teatro, dança, desenho, pinturas e entre outras. Vale salientar igualmente que arte e cultura são atividades indispensáveis na formação intelectual de qualquer cidadão.

Cabe questionar qual é o lugar da universidade neste cenário? E qual o seu papel na promoção de arte e cultura? Em sendo a universidade uma instituição de educação de Ensino Superior, é preciso considerar também os aspectos da sua relação com a cultura. Quais são as condições de preservação, de apropriação da cultura, e de reflexão crítica sobre ela? Mesmo um diagnóstico superficial da época em que vivemos é suficiente para mostrar a precariedade destas condições. O ritmo do tempo histórico, marcado pelo círculo perverso entre produção e consumo até mesmo daquilo que entraria na categoria dos "bens culturais": o imediatismo e o caráter efêmero e disperso dos interesses que os indivíduos são encorajados a cultivar, a fragmentação e a distorção da informação, a mercantilização extremada dos meios de comunicação, a prioridade da realização de anseios impostos por um processo de racionalidade ideologicamente comprometido com critérios definidos de forma unilateral, estão entre os fatores que tendem a desagregar a identidade cultural.

Com isso, podemos entender a universidade como um promovedor de espaços e de ambientes de liberdade de expressão e de diversidade cultural no universo acadêmico, como objetivo de fazer com que os universitários e os demais nela envolvidos, tenham contato direto com toda diversidade que nela se encontra.

Então, esse dossiê vem no sentido de refletir também no contexto de aniversário de dez anos da UNILAB, a situação política e sanitária do país, pensar o lugar da arte e cultura numa instituição jovem e marcada por uma dupla e difícil inscrição de sua missão regimental e territorialidade, a interiorização e a internacionalização do ensino público brasileiro que envolve seus campus avançados em dois estados e regiões, o Maciço de Baturité no Ceará e o Recôncavo baiano, no estado da Bahia.

Neste contexto, os questionamentos a seguir orientaram os textos propostos pelos autores como referência nos seus ensaios. De que forma a arte e a cultura são ou podem ser propositivos de um modelo diferenciado para uma universidade como a UNILAB? Qual o lugar da arte e da cultura na promoção das lutas sociais dos diferentes atores e agentes sociais de que a universidade é composta? Como pode a arte e cultura se articular com os contextos de ensino,

pesquisa e extensão da UNILAB? Qual o papel da arte e cultura na articulação dos processos de interiorização e internacionalização? De que forma a arte e cultura na UNILAB pode contribuir para reposicionar a centralidade histórica do continente africano na constituição da sociedade brasileira? Qual o lugar da arte e cultura na luta contra o racismo? De que forma podemos potencializar a arte e cultura na luta pela igualdade de gênero? Por fim, extrapolando o âmbito das perguntas para além da nossa universidade podemos ainda nos questionar, qual o lugar e potencial da arte e cultura no ensino universitário no Brasil? Essas e outras questões serão respondidas nas reflexões dos artigos aqui postas.

Prof. Ricardo Ossagô de Carvalho<sup>1</sup>

Prof. Bas'Illele Malomalo<sup>2</sup>

---

1. Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é docente de Graduação nos Cursos de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Licenciatura em Sociologia e Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) do Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE).

2. Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita/UNESP, é docente de Graduação nos Cursos das Relações Internacionais, Ciências Sociais e Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/BA).

# Política de promoção e divulgação das culturas na Unilab-CE: uma reflexão sobre programa de extensão Vozes d'África e Projeto Uniculturas: unidos pela integração

## Introdução

O artigo busca ressaltar a importância do projeto de extensão numa Universidade política de cariz de Integração Internacionalização, Interiorização e Inclusão. Nesta ótica, apresenta as políticas de promoção e divulgação de diferentes culturas no seio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira no Estado do Ceará. Assim sendo, pode-se perceber que a extensão Universitária no Brasil, ocupa um espaço entre ensino e pesquisa, possibilitando a universidade a cumprir com a sua obrigação de "função social". No Fórum Nacional de Pró - Reitoria de Extensão, criado em 1987, foi definido que a o objetivo da Extensão Universitária é dar o caráter da "democratização do conhecimento" (NOGUEIRA, 2003).

No contexto da UNILAB, Pró - Reitoria de Extensão Arte e Cultura (PROEX) foi criada em novembro de 2012, perante ato normativo da Universidade, tendo como objetivo contribuir com a missão institucional na Unilab, no que se refere à integração dialógica com os diversos segmentos da sociedade nacional e internacional atendendo demandas de formação e produção de conhecimentos. Sua base metodológica está

pautada na troca de saberes, científico e popular, no diálogo interno e externo à universidade, que é regulamentada pela da resolução N° 27/2011 de 12 de dezembro de 2011 (PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO ARTE E CULTURA, UNILAB).

Diante disso, o foco da nossa análise incide sobre projetos de extensão da Unilab como programa Vozes D'África e projeto Uniculturas: Unidos pela integração, que estão vinculados ao núcleo da cultura. Em linhas gerais tanto programa como projeto, estão voltados para promoção de divulgação da cultura dentro e fora da Universidade, sendo assim, programa de extensão Vozes D'África cuja foco central é promover a cultura dos Países africanos que fazem parte da Unilab e o projeto de extensão Uniculturas: unidos pela integração propõe divulgar as culturas de todos os países que compõe a Unilab. Entretanto, nosso objetivo aqui é de compreender como a promoção e divulgação das manifestações culturais dos países que compõem a Unilab podem contribuir para o diálogo intercultural, sobretudo no que diz respeito às diferenças, assim como, a percepção que a comunidade a redor da Universidade tem sobre a diversidade cultural das sociedades africanas na Universidade a partir dos projetos de extensão. Tendo como

1. Graduada em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e Licencianda em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB) e coordenadora do Grupo Cultural Firkidja di nô Kampada

questionamentos de partida, como os projetos de extensão pode ser pertinente para ajudar na integração dos estudantes dentro e fora da Universidade através da promoção e divulgação das culturas? E em que medida o debate em torno da cultura nos possibilitará a construção de uma rede de relação de igualdade na diferença?

Espera-se que este artigo possa contribuir tanto para campo acadêmico assim como social e cultural, para que a comunidade acadêmica e como também comunidade de Maciço de Baturité possam usufruir dessa produção e instigar a comunidade em geral a pensar sobre a importância do projeto de extensão, sobretudo no domínio da cultura. Assim como, provocar a reflexão sobre a diversidade cultural, de como podemos aprender com as nossas diferenças.

## Abordagens Teóricas

Tendo em vista a análise sobre a diversidade cultural que universidade vem mostrando para comunidades arredores município do Maciço de Baturité, é nessa ótica que vem surgindo os projetos de extensão com intuito de aproximá-los da Universidade. Nessa ideia foi elaborado os projetos na qual propomos analisar. Entretanto, o programa de extensão Vozes D'África, foi formado no ano 2017 e é um programa que agrega vários projetos como dança, música, teatro, poesia, gastronomia, estética africanas (turbantes e tranças) é composto por estudantes e professores de diferentes cursos e nacionalidades que já possuem experiências na área de arte e cultura ou os que pretendem potencializá-los.

Neste sentido, o programa Vozes D'África busca "explorar capacidade criativo dos alunos e professores, que podem a partir de uma perspectiva interdisciplinar para produção do conhecimento no espaço acadêmico". Assim como procura aproximar campo de educação e a comunidade de Maciço de Baturité, trabalhando assim a cultura a partir de uma linguagem

artístico. Diante disso, podemos perceber que programa de extensão Vozes D'África o seu foco principal é trabalhar a cultura sobretudo a cultura africana. Neste caso podemos questionar, o que impulsionou a criação desse programa?

Podemos dizer que antes da instituição da Unilab-CE foi instalado no Maciço de Baturité, essa região tinha pouca informação sobre a África, ainda podemos afirmar que os estudantes internacionais testemunharam que os estudantes nacionais assim como os residentes das comunidades arredores da Universidade quando se tratam as África, se generalizam como se fosse um País. Portanto, foi nesse sentido tornou-se necessário criar um projeto de extensão que possa possibilitar as trocas conhecimentos e experiências culturais. Programa Vozes D'África tem como objetivo,

*analisar as diversidades culturais em África, a partir das especificidades de cada país que compõem a cooperação na UNILAB, com vista a fortalecimento dos grupos artísticos já existentes (...), propor a arte e cultura como fonte, linguagem e metodologia de ensino de história africana, contribuindo para pluralidade de saberes e culturas, a universalização e democratização do conhecimento na sociedade brasileira (PROGRAMA DE EXTENSÃO VOZES D'ÁFRICA, 2017).*

Diante disso, podemos entender que programa de extensão Vozes D'África não só está a divulgar as culturas africanas, mas também está a proporcionar um ambiente intercultural que é um fator relevante para proposta da integração no seio de ambiente acadêmico e nas comunidades/municípios. Ainda, percebe-se que estas iniciativas vêm tornando espaço de apresentação/diálogo e geração de iniciativas artísticas dos estudantes.

Por outro lado, temos o Projetos Uniculturas: unidos pela integração, que "é um grupo cultural que busca divulgar, valorizar e integrar as culturas existentes dos países membros da Unilab", que atua nas áreas como dança, moda, teatro, poesia, música. Com diferentes grupos de atuação como:

Grupo de Danças Africanas e Afro-Brasileira, Grupo de Desfile e Moda *Unifashion*, Grupo de Teatro - *Afrisamé*, ainda proporciona Palestras, Oficinas de Línguas e Minicursos tanto para os estudantes da Unilab assim como para as escolas de ensino médio de municípios de Maciço de Baturité.

Este projeto é baseada no um dos proposito da Unilab que não é menos importante, que é promover a integração, com isso o projeto Uniculturas: Unidos pela integração, propõe demonstrar "o que os Países parceiros da Unilab tem de melhor e outro lado da África ainda pouco conhecida além das suas fronteiras", com objetivo de integrar os países parceiros da Unilab em um espaço de integração cultural e desenvolver atividades contínuas nos seus eixos de atuação, com a finalidade de mostrar as diversidades culturais existentes na Universidade e as possibilidades de conhecer cada umas delas, preparando assim o cidadão para viver em sociedades multiculturais.

Neste caso, podemos fazer paralelo projeto de Uniculturas: unidos pela integração uma certa afinidade similar com Programa Vozes D'África no que tem a ver com intuito de divulgar as culturas africanas. Sendo assim, vimos uma grande importância nesses projetos de extensão, de certa forma estão contribuindo para integração, divulgação e promoção da cultura dentro e fora da Unilab, principalmente culturas africanas.

Tanto Programa Vozes D'África, assim como Projeto Uniculturas: unidos pela integração, estão inseridos na resistência em busca de diminuir o conflito no que diz respeito a questão do racismo e preconceito dentro da Unilab e nas comunidades de Maciço de Baturité. Sabendo que a pratica do racismo no contexto brasileiro torna um empecilho na aproximação entre os estudantes negros e de outros países. Na mesma ótica que o preconceito dentro no seio dos estudantes internacionais (africanos) de diferentes países podem reproduzir e isso pode ser vista como um desafio de diálogos.

Assim podemos compreender o racismo segundo Schwarcz (2010), como "naturalização das diferenças" e é um "fenômeno social mesmo sendo justificado por fundamentos biológicos", em outras palavras aponta que o racismo é construído nas relações sociais, no meio da convivência, no encontro das culturas. Diante dessa abordagem podemos perceber que a Unilab pode ser um espaço de reprodução do racismo, porém é um espaço de encontro das culturas e para que isso possa ser trabalhado os projetos de extensão podem ser pertinentes.

Por outro lado, podemos verificar que nos dois projetos de extensão é visível o desejo da construção de uma sociedade multicultural e intercultural. Neste caso, percebe-se que, questão de multiculturalismo está relacionada com a construção uma sociedade baseada na diversidade cultural e nesse relacionamento se constrói uma relação intercultural que pode ser entendida como uma relação de igualdade na diferença.

Neste sentido, que Touranine (1997), na base de uma perspectiva multicultural foi assertiva á quando respondeu à questão considerada indispensável na promoção de diálogo intercultural. Quando problematiza o seguinte: "como podemos viver juntos?". Para Touranine (1997), podemos viver juntos com a "democracia política e da diversidade cultural baseada na liberdade do Sujeito" isso mostra que tudo que uma pessoa precisa é ser livre para que ela possa desenvolver o que tem para contribuir na sociedade.

## Conclusão

Em forma de conclusão, podemos compreender que a Unilab desde a sua construção aceita o desafio de enfrentar os conflitos que possa existir sobre a ideia de integração, mas essa ideia não se pode restringir só dentro da Universidade, também deve chegar as comunidades arredores da Unilab. Na base disso podemos perceber a importância



dos projetos de extensão com caráter de promoção da integração com base na divulgação das culturas, estes estão a divulgar a riqueza da diversidade cultural para fora da Universidade.

No entanto, podemos perceber a diferença na comunidade de Maciço de Baturité a sua mudança com relação ao conhecimento sobre história da África e a sua diversidade a partir da atuação dos projetos de extensão principalmente os que são citados nesse artigo, podemos verificar isso nas escolas de ensino médio nessa região. A partir disso vimos que é necessário que a Universidade cria um espaço cultural onde esses projetos vão poder realizar suas atividades, assim como, buscar a ter uma atenção especial com relação aos projetos de extensão, com intuito de fazer com que seja visível a riqueza da diversidade cultural que há na Universidade e ainda com ajuda do desenvolvimento dos projetos de extensão na área de arte e cultura. Portanto, estas iniciativas culturais e artísticas podem contribuir para que Unilab seja vista como exemplo para o mundo, mostrar que podemos viver juntos com as nossas diferenças.

Por outro lado, a Universidade pode levar esses projetos para serem conhecidos no mundo a fora. Diante de tudo isso, podemos ver que a Unilab está formando os jovens não só para terem preparação acadêmica, mas também está formando homens e mulheres para atuarem em diferentes meios sociais e culturais devido a diversidade dos estudantes que se encontram nesse espaço e por meio dos projetos e currículos serão formados suficientemente para enfrentar o desafio da globalização.

## Referências

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel, **O Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: um ator social em construção**, UFMG, Interfaces - Revista de Extensão, v. 1, n. 1, 2013

PROGRAMA DE EXTENSÃO VOZES D'ÁFRICA. Unilab, Ceará, 2017.

PROJETO UNICULTURAS: UNIDOS PELA INTEGRAÇÃO. Unilab, Ceará, 2017

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO ARTE E CULTURA, Unilab. Disponível em: [www.unilab.edu.br](http://www.unilab.edu.br). Acessado em 03 dez 2018.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, Instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**, São Paulo: Campanha das letras, 1993.

TOUNAINE, Alain, **Iguais e Diferentes, podemos viver juntos?** Tradução Carlos Aboim de Brito, ed. Peaget, Lisboa, 1997.

# Firkidja di no kampada na arte, cultura e literatura

## Introdução

O grupo Firkidja Di No Kampada foi criado pelos estudantes guineenses de diferentes cursos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, em setembro de 2017, no Brasil. Desde os primórdios do grupo, a seiva que alimenta a sua existência é a promoção da cultura e literatura guineense. Mas aberto que seja esta seiva, as culturas e literaturas dos povos integrantes da UNILAB respiram, à vontade, na essência do grupo sem gemidos. Isto é, as culturas e literaturas de CPLP alimentam o espírito poético de jovens que alicerçam o grupo. Assim, o macrosistema cultural-literário engendrado pelo grupo está além da Guiné-Bissau, país da origem dos seus membros.

A (re)criação literária é uma paixão que explodiu entre estes estudantes no meio da trilha acadêmica, embora haja entre eles um longo período de interesse pela literatura desde Guiné-Bissau. Mas, mesmo assim, compreende-se que a UNILAB enquanto espaço acadêmico serviu de palco para a edificação da (re) criação literária que

espelha o espectro artístico e cultural daquele país. Uma vez incorporado o prazer literário nos corações desses jovens, a continuidade daquilo que, no passado recente, despertou povos ao engajamento grandioso e vitorioso pode encontrar a sua força vitalícia. O compromisso de assumir o que as gerações anteriores fizeram na construção das identidades nacionais e na consolidação das nações dentro das realidades concretas ou socioculturais e que deram origem às nossas nações modernas, passa entre várias formas, hoje, pela oralidade conjugada com a escrita, ou seja, a (re)vivência das experiências, das estórias, e das práticas culturais. Nisto, entra os (re)encontros culturais e poéticos que podem ganhar diferentes denominações dependendo da opção e do lugar.

## A literatura na construção das identidades

É fundamental passear na história para entender a importância da criação de espaços culturais como os que o grupo Firkidja Di No Kampada

1. Justino Gomes nasceu no sector de São Domingos, Norte da Guiné-Bissau. É Técnico Médio em Administração pelo Centro de Formação Técnico Profissional São Leonardo Murialdo, Guiné-Bissau; Bacharelado em Humanidades e Licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Membro do Conselho Editorial da Revista África e Africanidades; membro do Grupo Literário Cultural Firkidja Di No Kampada; além de ser um dos organizadores, participou com poemas na primeira coletânea poética do grupo Firkidja Di No Kampada, intitulada "Nos porões das palavras: primeiro tcholona di tambur" (2019); apresentou a obra literária do Yanique Nanque, intitulada Gritu di Carnel, lançada pela editora CLASS, Porto Alegre, 2019; É 2º responsável do departamento de redação do grupo Firkidja Di No Kampada e segundo secretário da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Estudantes Guineenses da UNILAB - AEGU. E-mail: justinogomes6@gmail.com
2. Lucas Jaime Indi Gradou-se em bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira em 2018, atualmente Licenciando em Sociologia Plena pela mesma instituição. É membro e vice coordenador do grupo cultural Firkidja di no Kampada da qual participou como escritor e um dos membros organizadores da primeira coletânea (Livro) intitulada - Nos porões das palavras: primeiro tcholona di Tambur. Já trabalhou como professor de Inglês no projeto " Ensino Multilíngue e Interculturalidade Lusófona no Maciço de Baturité cadastrado pelo PIBELP\2017. Foi colaborador interno do projeto: Música e Nação em África: Os Sons da Diversidade Cultural na UNILAB. E-mail: aquimeiu@gmail.com

cria dentro e fora da universidade. No Brasil do século XIX, melhor dos anos 1822, a poesia assumiu a (re) construção das caixas identitárias autônomas, independentes daquela mãe metropolitana. A expressão "Pátria Mãe" Brasil ganhou oxigênio da vida nas imaginações e recriações poéticas rumo à uma terra assente no seu misticismo e feiticismo ancorados na sua natureza exuberante (LIMA, 2016). Ali se encontrava a rebusca da mitologia fundadora da nação por meio da literatura, principalmente, criação poética. As bases foram afuniladas no solo brasileiro e a nação se ergueu no imaginário desse povo.

Deixando a América para África, no séc. XIX, numa temperatura carbonizante insuflada pelo colonialismo, romperam a terra, as literaturas dos povos que hoje são conhecidos como Países Africanos da Língua Oficial Português (PALOP). Os poetas clariosos caboverdianos (re)descobriram a "caboverdianidade" de Cabo-Verde na imaginação poética, e atiraram o "caboverdianismo" às águas do Atlântico. Os poetas mensageiros angolanos assumiram decisivamente a nobre missão de (re) descobrir a Angola por meio do imaginário literário e foi assim que a "angolanidade" soube saltitar alegremente para aprumar a reflexão literária dos poetas e o "angolanismo" recebeu o julgamento encarnado que nem o cartão vermelho que o sancionou (AUGEL, 2007; SECCO, 2002).

Em Moçambique, a voz poética de seus escritores soprou o mocambicanismo que até então insistia em explicar, mas que só exibia o vazio, o exógeno e fez germinar sobre o solo moçambicano a *moçambicanidade* que expressa a "karingana" moçambicana. Na Guiné-Bissau, no meio do séc. XX, os *djidius* da caneta abraçaram freneticamente a resistência colonial na imaginação literária e, sem demoras, a *guinendade* orientou-se nos líricos do Vasco Cabral, Amílcar Cabral, Pascoal D'Artagnan Aurigemma etc., na busca do feiticismo e misticismo guineense. (RIBEIRO e SEMEDO, 2011). De outro lado do Atlântico, chega sopros literários das Ilhas de São Tomé e Príncipe no mesmo século. As águas, o azul do céu, o bater da maré nas rochas e a brisa da frescura das ilhas implantaram-se na tinta das canetas endógenas dos escritores como José Tenreiro, Alda Espírito dos Santos e outros e

as identidades imaginárias santomenses foram costuradas "fora" das coloniais que dantes abraçavam o pequeno Príncipe (LEITE, 2014; CHAVES, 2005).

Tudo isto, é o que as gerações anteriores fizeram para proteger os seus patrimônios culturais, simbólicos e imateriais. É um desafio que, por mais que fosse difícil, foi encarado e vencido. Porque hoje, estas literaturas são autônomas que qualquer estudioso atento das Literaturas Africanas da Língua Portuguesa não pode confundi-las. Pois, cada uma carrega a especificidade cultural do seu povo, espaço e línguas. A universidade pode desempenhar um papel fundamental no incentivo à continuidade destes exercícios de imaginação e construção intelectual das memórias e culturas dos povos. A forma de o fazer acontecer pode ser pelo incremento dos espaços culturais por meio dos programas institucionais instando a criatividade artística e literária.

## Realidade incontestável e a necessidade de repensá-la

A cultura literária, principalmente, a dos países africanos da língua portuguesa existe e existia desde um período longínquo antes da chegada dos aventureiros portugueses nessas paradas. As diferentes formas de manifestação cultural que incluem as oraturas, contação de histórias, provérbios, mitos, fabulas etc., não são de hoje. Porém, estas formas de expressão cultural foram subjugadas pelos ventos fortes da opressão colonial. Tão violento e ignorante foi o sistema colonial que o poeta, contista e romancista angolano Manuel Rui Alves Monteiro, exterioriza seus lamentos ao patrimônio cultural africano que o colonizador poderia aproveitar, mas, infelizmente, este aventureiro preferiu menosprezá-lo,

*quando chegaste, mais velhos contavam histórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. [...] É certo*

*que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões (MANUEL, 1987, apud CHAVES, 2005, p. 248).*

Obviamente, hoje, não se pode deixar de perceber que as universidades empenhadas na *descolonização* – ou proposta Pós-Colonial<sup>3</sup>, como a UNILAB, estão a atender, paulatinamente, as lamentações do Rui Manuel que ancoram no aproveitamento das diversidades para o enriquecimento do aparato cultural da Humanidade. No contexto da UNILAB, a criação da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura, cuja departamentos comprometidos com a valorização, promoção e difusão das artes e culturas dos países da integração, ou seja, da CPLP, que é visível não só na criação dos espaços muito importantes para a divulgação das artes e culturas, por exemplo, Semana das Culturas da UNILAB, é um sinal evidente da disponibilidade desta universidade em caminhar diferente daquela do comboio colonial, em que o dito “canibal<sup>4</sup>” tinha que ser excluído e desarticulado da sua base.

Além da existência das manifestações literárias evidenciadas nesta breve citação do texto do Rui Manuel, o desastre causado pela violência do colonialismo aparece através da desarmonia que o espaço viveu e evidenciou: nem águas, nem o som e ritmos, nem as estórias estão agora em harmonia com as vidas humanas. Canhões ceifaram tudo. Isto é uma metáfora da desestruturação dos sujeitos com a sua experiência prática cultural. Canhões existem além dos físicos ou materiais, porque as simbólicas que alteraram as cosmovisões, as tradições, as crenças estão presentes. A colonização cultural e das mentes são canhões que ainda persistem no subconsciente e na realidade intersubjetiva do espaço colonizado. A reparação dos danos causados por estes canhões passa, entre outras formas, pela valorização e promoção

da expressão cultural. Pois, isto, o grupo Firkidja Di No Kampada tenta fazer na medida do possível. E as universidades também, sobretudo aquelas do espaço violentado pela empresa colonial, devem encabeçar esta missão.

## Breve apresentação das coordenações e ações da Firkidja di no Kampada

Tem pessoas que no meio da invernada decidiram ser gênios. Andar no íngreme dos tempos nostálgicos não lhes encabeçam a mínima desesperança. Mesmo nos momentos agrestes insuflam, escancaradamente, nos mais distintos corações, amor fraterno. Nossos corações irrigados de bons exemplos da liderança deles: Liliane A. R. Costa, Mamadu Nanque e Anéximandra da Silva, na Firkidja Di No Kampada, enaltecem, ao mais alto nível, os consolantes resultados das suas coordenações.

Foram corações estremecendo de emoções patrióticos nos auditórios da UNILAB, nosso embondeiro, com **sexta poética**; Foram espíritos longe da terra que atravessaram, à distância, o Oceano Atlântico para a Guiné-Bissau na **noite poética**; de comissões organizadoras dos eventos, na UNILAB, vieram inúmeros **convites** bem respondidos com cantares poéticos dos poetas e das poetisas da Firkidja Di No Kampada; os passos são das **novas poetisas** a engendrar novos cânticos poéticos no pátio da esteira estendida por toda gente e para toda a gente, quando o apelo às novas ingressantes foi aceito por elas e livremente começaram as suas ações na família Firkidja como membros.

Desta vez, é a Universidade Federal do Ceará (UFC) que acolhe **imemoráveis participações** da Firkidja Di No Kampada nos eventos

3 Sabemos que o termo pós-colonial é um termo muito complexo que carrega um conjunto de contextos: histórico, epistemológico, crítico, temporal etc. Mas aqui o termo pós-colonial deve ser entendido como um conjunto de posicionamento crítico, releitura crítica da literatura colonial em todos os aspectos: científico, cultural, político e econômico etc. Uma reinterpretação das bases herdadas da configuração da sociedade mundial. Na extensão, aproximação com a proposta Decolonial do Sul Global

4 O termo é usado no sentido introduzido pelo poeta e dramaturgo inglês, Willian Shakespeare.

caldeados com vozes cristalinos dos poetas e das poetisas da nossa casa; já é o livro **Nos Porões das Palavras: primeiro tcholona di tambur** que, na linguagem literária, se diz **coletânea poética** que está publicado, podendo os leitores fixarem seus articuladores linguísticos nos versos e nas estrofes para receber a contribuição dos Firkidjas na literatura editorial guineense; de longe fala um dos nossos humos da literatura contemporânea guineense, o nosso Luís Vaz de Camões; José Craveirinha, o nosso Mário Pinto de Andrade, o nosso José Tenreiro, a nossa Alda Espírito dos Santos, o nosso Baltazar Lopes, o nosso Machado de Assis...

Afinal fala-se de quem? Entenda que se fala do poeta internacional guineense que tropeça "fidjus" (filhos) da nação num único cabaz "di djunta mon" (unir as mãos), **Tony Tcheca** na homenagem que o grupo patrioticamente soube hastear à comunidade acadêmica guineense na UNILAB, no ano 2018. É a bandeira das cores Verde, amarela, vermelha e preta (Guiné-Bissau) combinada com a das cores azul, branca, amarela e verde (Brasil) que se casam com a da Angola, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Timor Leste e Portugal, que de certa forma, constituem a bússola da Firkidja nos cantares literários dos seus poetas, poetisas, cineastas, músicos e teatrólogos.

Imagem I – compilação de apresentações de firkidja di nô kampa da



Fotos de algumas atividades de Firkidja Di Nô Kampa da na UNILAB.

Autor: Arquivo de firkidja di nô kampa da

Esta voz singular, mas plural que demonstra ser, por representar a unida família.

Autor: Arquivo de firkidja di nô kampa da



Firkidja, enaltece não apenas a coordenação do Nanque, porém saudosamente passa pelas labaredas do princípio e ziguezaguear ao alto a primeira coordenação que sabiamente foi capaz de erguer esta tão coesa plêiade guineense nas silhuetas do embondeiro das nações da CPLP. De palavras doces, pois, fraternas canta-se, sem cessar, o nome da Liliane Alice Resende Costa, a primeira coordenadora da Firkidja Di No Kampada. É nos ancoradouros sem fim, nem rampa, que arrancou o barco dos poetas, navegando nos oceanos que, outrora, foram atormentados por algumas baleias gigantes, tentando interromper o destino da viagem, não obstante, cuidadosamente, os tormentos foram esfumados e as incursões derrotaram-se nas fossas marianas, devido ao saber fazer e saber coordenar.

Hoje, poetas e poetisas da Firkidja mais que nunca agradecem, sem limite, a todos e a todas que no caminhar da turba zelaram-se pelo entendimento, tolerância, compreensão e fraternidade para que seja possível costurar os contrastes e as mais diversas opiniões, com vista a uma Firkidja sólida e consolidada. Construindo e conquistando mais espaços culturais com os seus mosaicos poéticos, porém desafiadores no seu destino de promover a cultura, literatura guineense e não só, mas também da CPLP.

A revitalidade é importante para uma sociedade. Na nossa Firkidja fala-se da revitalidade que não é renascença de um novo membro no lugar do outro morto. Aqui não há lugar para modalidade verbal deôntica e muito menos epistêmica, apreciativa talvez. Do mesmo jeito, a (re)conjugação das forças não significa a inutilidade do esforço anterior, mas sim a (re)atualização das esperanças e desafios que entre interstícios da brisa saudável os poetas e as poetisas da Firkidja implantam nos corações a abertura de oportunidades para todos e todas num clima da irmandade. Neste deslizar íngreme, pois fácil para andar dos Firkidjas, enraizam nossos princípios de liderança rotativa e a convivência fraternal saboreada por todas e todos, trilhando o desafio de promover a Literatura

e Cultura guineense; a Literatura e Cultura da CPLP na UNILAB e nos espaços além dela.

De setembro do ano 2017, data da criação do grupo, para junho deste ano 2020, Firkidja Di No Kampada conta-se com três coordenações: Duas coordenações cessantes e uma em vigor. A primeira é liderada pela admirável poetisa engajada, estudante da Engenharia de Energia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Liliane Alice Resende Costa e a outra foi encabeçada pelo reconhecido Mamadu Nanque graduado em Humanidades, licenciado em História pela UNILAB e, atualmente, Mestrando nas Relações Internacionais na Universidade Nova de Lisboa. No dia 05 de janeiro de 2019, na cidade de Acarape, Ceará, Brasil assiste-se mais uma passagem da coordenação da Firkidja para a sua terceira coordenadora, Anéximandra da Silva, poetisa, bacharelada em Humanidades e licencianda em Sociologia pela (UNILAB).

### Considerações Finais

O que se espera deste grupo Cultural e literário é um reforço dos laços de irmandade que ancoram os povos africanos e o povo brasileiro. Uma vivência daquilo que aproximou e distanciou essas nações separadas pelo empurrão e o romper das águas do Atlântico. Acreditando que o Departamento de Arte e Cultura da UNILAB foi e será um espaço de despertar interesse pela Cultura e Literatura à medida que incrementa abertura de espaços culturais, artísticos e literários com intuito de incentivar mais o exercício artístico e literário.

Espera-se que o navio da Firkidja não faltasse o combustível, assim como os líricos dos poetas e poetisas não faltassem vozes para exteriorizar os sentimentos e emoções amorosos também críticos e revolucionários até no mais ímpeto circunstância azeda.

## Referências

AUGEL, Parente Moema. **O desafio do escombro**: nação, identidade, e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro. Garamond, 2007.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2005.

LEITE, Eduardo Joaquim Costa da Bessa. **A literatura guineense**: contribuição para a identidade da nação. 2014. Tese (Doutorado em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

LIMA, Rosa Norma Sueli. O ensino das literaturas de língua portuguesa no Brasil. **Diadorim**, Rio de Janeiro, revista 18 volume 1, p. 172-184, jan-jun 2016.

SECCO, Tindó Lúcia Carmen. Travessia e Rotas das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Das profecias libertárias às distopias contemporâneas. Léngua Meia: **Revista da Literatura e Diversidade Cultural**, nº 1, 2002.

RIBEIRO, Calafate Margarida; SEMEDO, Costa Odete (Org.) **Literatura da Guiné Bissau**: cantando os escritos da história. Porto: Afrontamento, 2011.



Vico Melo<sup>1</sup>

Banuma Alberto Caetano Pinto<sup>2</sup>

Emílio dos Santos Fernandes Júnior<sup>3</sup>

## Encenando o livro didático de história: o entusiasmo e o lúdico como possibilidade pedagógica

---

### Respeitável público: uma breve iniciação

Em tempos de pandemia, crise econômica e social e de cortes sucessivos nos recursos referentes à Educação, se faz necessário a cada dia se pensar e repensar estratégias pedagógicas, com intuito de gerar nos/as estudantes um interesse renovado sobre a escola. Com tantas problemáticas concernentes ao mundo exterior da escola, que pressionam os jovens a se afastar do ambiente educacional, cabe aos educadores compreender tais realidades e transformar de uma forma mais atrativa o ambiente escolar. Aqui não se busca colocar a responsabilidade dos problemas socioeconômicos do país nos/as educadores, mas imaginar e refletir sobre as possibilidades de atuação na sala de aula.

A educação e seu processo pedagógico de ensino passa pela compreensão de que a sala de aula e a própria instituição educacional tem de ser o lugar do entusiasmo, nunca do tédio. O entusiasmo, enquanto prática de ensino e baseado na valorização da presença de cada um na atividade de ensino, tem a capacidade de transformar a educação, pois estimula os estudantes a se reconhecerem enquanto sujeitos ativos perante os demais,

respeitando suas diferenças e diversidades em sala de aula (hooks, 2013). De acordo com bell hooks (2013, p. 18), "o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo", onde a educação possa ter como prática a liberdade: seja ela de pensamento, de expressão e/ou de culturas. Nesse sentido, ensinar, em si, é um ato teatral (hooks, 2013).

Com a publicação da Lei 9.934/96 que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a forma de ministrar ensino tem como um dos princípios a "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber", além de ter reconhecido e instituído a arte como área de conhecimento no currículo escolar do ensino básico – fundamental e médio (BRASIL. Lei nº 9.934, de 20 de dezembro de 1996). Esse reconhecimento das artes, e mais propriamente do teatro, como uma das possibilidades de ensino na educação básica, se faz importante no desenvolvimento do estudante, onde pode se utilizar de metodologias interdisciplinares como forma de aprofundar o conhecimento científico.

- 
1. Professor do Departamento de Gestão Pública do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas (DGP/CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ex-coordenador do projeto de extensão "Encenando o Livro Didático de História", quando atuou como professor do Instituto de Humanidades da UNILAB.
  2. Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licencianda em Sociologia pela UNILAB. Estudante voluntária do projeto de extensão "Encenando o Livro Didático de História".
  3. Bacharel em Humanidades pela UNILAB, licenciando em Sociologia e mestrando no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH), ambas pela UNILAB. Estudante bolsista do projeto de extensão "Encenando o Livro Didático de História".

Baseando-se nesses princípios e concepções é que nós, enquanto grupo engajado no projeto "Encenando o Livro Didático de História"<sup>4</sup>, buscamos nos sustentar nos paradigmas do Teatro do Oprimido, proposto pelo teatrólogo Augusto Boal, e no Teatro Experimental do Negro, proposto por Abdias do Nascimento. Dentro dessas duas perspectivas, estão diversas modalidades de ação prática e teatral, a partir do Teatro-Imagem, Teatro-Fórum, Teatro-Jornal, Teatro-Legislativo, Teatro-Invisível e Arco-Iris do Desejo, onde são usadas como ferramentas de participação popular e como forma de discutir os problemas sociais que nos rondam, a exemplo da visibilização da população negra e periférica, excluída dos espaços sociais e de representação (BOAL, 1991; NASCIMENTO, 1978). Dessa forma, o teatro se torna um indutor da educação, se mostrando um importante instrumento didático e de reflexão do meio social e da própria História – sendo estendida pra Sociologia, Geografia etc.

A História, enquanto disciplina, é extremamente importante para o desenvolvimento pessoal do estudante, criando uma consciência de responsabilidade cidadã com a sociedade, quando aprendemos sobre o nosso passado e presente através de um processo reflexivo. De acordo com Ciro Flamarion Cardoso (1986, p 28), é parte da construção da História enquanto ciência "o respeito pelas especificidades históricas de cada época e sociedade". É buscando respeitar essas especificidades, não só históricas, mas de vida dos participantes do projeto, que ao longo de dois anos introduzimos uma metodologia interdisciplinar entre o teatro e a História, em que pudesse conduzir o próximo num processo formativo e de aprofundamento do conhecimento, além de se reconhecerem coetaneamente enquanto sujeitos ativos da própria História. A História não só como uma disciplina teórico-abstrata, mas como uma "práxis" de vida.

## O estado da arte e a arte da teoria

Ao contrário do que o pensamento tradicional afirma, cada pessoa é um "todo físico-químico-biológico-social-cultural" (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 86), que faz parte de um universo heterogêneo com distintas realidades histórico-sociais-raciais-sexuais-culturais-econômicas. Compreender a diversidade da nossa realidade sócio-histórica só é possível através de uma ecologia de saberes, baseada na ideia de "que todos os conhecimentos têm limites internos e limites externos", onde "os internos dizem respeito aos limites das intervenções no real que permitem", enquanto "os externos decorrem do reconhecimento de intervenções alternativas tornadas possíveis por outras formas de conhecimento" (Santos, 2007, p. 26), sendo a interdisciplinaridade uma das possibilidades de agir na produção e ampliação do conhecimento.

A arte, envolvida com o processo educativo formal da História, tem a possibilidade de transformar a percepção dos estudantes acerca do ensino, assim como de compreender melhor o seu próprio entorno social. O ensino se torna algo mais prazeroso e informal com o teatro, quebrando estruturas muitas vezes "duras", daquilo que se convencionou como ensino-aprendizagem (educador-educandos). Paulo Freire chama esse modo "formal" de educação como "concepção bancária", onde a "narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a pretrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. (...) Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação" (FREIRE, 2014, p. 79). Ou seja, para se romper com essa concepção bancária é necessário repensar e

---

4. O projeto de extensão "Encenando o Livro Didático de História" faz parte do "Programa Vozes da África", que tem como intuito visibilizar e refletir sobre temáticas referente às realidades e especificidades dos contextos africanos. No "Programa" há vários outros projetos com diversos eixos de atuação (dança, música, teatro, poesia, gastronomia, turbantes e tranças), tendo o interesse em visar a integração de estudantes de várias nacionalidades e cursos, com experiência ou interesse em potencializar uma educação transformadora.

propor novas formas de ação entre o ensino-aprendizagem.

O teatro se torna possibilidade de método de ensino, pois abre ao estudante novas realidades e perspectivas acerca da educação e do seu lugar enquanto sujeito na produção do conhecimento. São novas experiências de convivência entre colegas e professores que o teatro oferece, reconhecendo a outra sua humanidade, aceitando as diferenças, semelhanças e contrastes, além de dirimir possíveis conflitos. Essas múltiplas leituras e diferentes interpretações provocadas pelo teatro tem a capacidade de oferecer ferramentas que nos permita adquirir a criatividade e a crítica sócio histórica, diante das diferentes situações que a vida vai nos proporcionando. É nesse sentido que se faz necessário basear-se nos princípios trabalhados por Augusto Boal no "Teatro de Oprimido" e por Abdias do Nascimento no "Teatro Experimental do Negro", onde a conscientização dos sujeitos subalternizados (negros, mulheres, pobres, etc.) são o centro da ação, promovida através de uma série de jogos, exercícios e técnicas teatrais entre os participantes com intuito crítico-reflexivo (NASCIMENTO, 1978; 2004; BOAL, 1982; 1991). Nas palavras de Abdias do Nascimento (2004, p. 211), "teríamos que agir urgentemente em duas frentes: promover, de um lado, a denúncia dos equívocos e da alienação dos chamados estudos afro-brasileiros, e fazer com que o próprio negro tomasse consciência da situação objetiva em que se achava inserido".

Boal (1982) ainda afirma que o teatro não é uma forma de comunicação estática ou que representa a si mesmo como um fim. Na verdade, para Boal (1982, p. 13)

*O teatro é uma forma de comunicação entre os homens; as formas teatrais não se desenvolvem de maneira autônoma, antes respondem sempre a necessidades sociais bem determinadas e a momentos precisos. O espetáculo faz-se para o espectador e não o espectador para o espetáculo; o espectador muda, logo o espetáculo também terá de mudar.*

A História, por si, tem a possibilidade de nos fazer conhecer o nosso passado com intuito de entendermos o nosso presente e projetarmos o nosso futuro. Segundo Fernand Braudel (2005), a História pode ser dividida em três formas: uma história entre a humanidade e o meio que lhe cerca; uma história social, ou dos grupos e agrupamentos; e por último, uma história do indivíduo, ocorrencial, com oscilações breves e ultrasensível. Como bem afirma Braudel (2005, p. 15), temos marcado, então, "um tempo geográfico, um tempo social, um tempo individual".

Para além desses tempos históricos propostos por Braudel, vem se formatando na estrutura curricular da educação brasileira uma forma mais plural de ver e entender a História que fazemos parte, trazendo à luz do debate a construção histórica das nossas realidades, a partir daqueles que foram invisibilizados e silenciados pela História convencional, ao que Jack Goody (2015) convencionou como "o roubo da História". A Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade no currículo oficial da Rede de Ensino a temática "História e Cultura Afro-Brasileira", veio consolidar essa nova perspectiva de discutir a História na educação de base e superior. De acordo com o Artigo 26 da referida lei:

*§1o O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.*

*§2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.*

## **À guisa de conclusão: refletindo o lúdico e o entusiasmo como possibilidades dialógicas/pedagógicas**

É reconhecendo a importância da História no processo formativo das crianças e jovens do ensino fundamental e médio – baseado na Lei 9.934/96 e na Lei 10.639/03 – além da necessidade de alargar cada vez mais o campo do conhecimento, é que se faz necessário produzir uma metodologia particularmente interdisciplinar, onde o processo de ensino-aprendizagem entre o lúdico e a “formalidade” possa ser dialógica. Dialógica no sentido de que só se constrói um conhecimento plural e verdadeiro através de um processo de horizontalidade e de respeito as várias vivências e experiências existentes em sala de aula. Como bem afirmava Césaire (2006, p. 84), um conhecimento denso só é possível através de “um universalismo depositário de todo o particular, depositário de todos os particulares, no aprofundamento e na coexistência de todos os particulares”, representado pelo não desperdício das experiências concretas.

A teoria dialógica entre o lúdico – aqui representado pelo teatro – e a educação formal – representado pela disciplina da História –, da qual este projeto se delinea, se funda na ação coletiva e participativa entre educador-educando, em que o encontro seja um processo de pronúncia (FREIRE, 2014). A História e o teatro têm a possibilidade de transformar a relação ensino-aprendizagem na educação, promovendo o entusiasmo enquanto método de ação e de valorização da presença de cada um (educador-educando), desinibindo os estudantes a participarem dos debates em sala de aula e abrindo novas epistemologias para o aprofundamento da disciplina da História. Parafraseando mais uma vez bell hooks (2013), ensinar é um ato teatral em que a História possa ser o diálogo para que possamos nos compreender enquanto sujeitos que pertencem e moldam a própria História

Portanto, é preciso enfatizar – principalmente nesse tempo presente de incertezas, instabilidade, vulnerabilidade e crise social-econômica-cultural e de pensamento provocado no cenário nacional e internacional – que não se pode deixar de lado o universo das relações humanas com a diversidade e a diferença, em que é justamente nos processos de se fazer-pensando e de pensar-fazendo, junto ao diferente e/ou contraditório, que se educa para uma verdadeira cidadania, respeitando-se a pluralidade daqueles/as que são educados/as. Essa percepção do processo aprendizagem-ensino e do fazer-pensando, através do respeito à diversidade e o reconhecimento do outro na sua totalidade, se encaixa na filosofia africana Ubuntu, na afirmação de que eu sou porque nós somos, ou seja, só nos tornamos pessoa (somente) perante outras pessoas (RAMOSE, 2009)

## Referências

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1982

----- **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1991.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, D.F. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>> -2005>. Acesso em: 02 Set. 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, D.F. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos Sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma Introdução à História**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre el colonialismo**. Madrid: Akal Ediciones, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOODY, Jack. **O Roubo da História**: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2015.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.

----- **Teatro Experimental do Negro**: trajetória e reflexões. Estudos Avançados, 18, (50), 2004.

RAMOSE, Mogobe. "Globalização e Ubuntu". Em: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009

## O grupo Uniculturas e suas ações de incentivo a integração na Unilab e na comunidade externa

### Respeitável público: uma breve iniciação

Dia 9 de março de 2017, nas dependências da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, no Campus da Liberdade, surge oficialmente o Grupo Cultural UNICULTURAS. Inquietados/as com a falta de atividades permanentes pautadas na integração entre os países parceiros, estudantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, se reúnem com o intuito de criar um grupo que possa, de fato, incentivar e valorizar a diversidade cultural presente na Universidade. Sendo assim, com 26 estudantes dos respectivos países é fundado na UNILAB um dos maiores grupos culturais. A partir de então, agrupados por temas como dança, poesia, música, moda e teatro, o UNICULTURAS passa atuar por meio de oficinas, seminários, apresentações e intervenções que tomam como espaço privilegiado não apenas as dependências dos campi da UNILAB no CEARÁ, mas igualmente os equipamentos públicos dos municípios que a abrigam e as escolas localizadas nestas mesmas cidades.

Assim, o UNICULTURAS, é um projeto que visa fortalecer um conjunto de ações já em curso pela mobilização de um apoio institucional. Com isso, acredita-se que a dinâmica de oficinas e demais

momentos de troca e efetiva integração se amplie, consolidando cada vez maior robustez e potência um diálogo entre os sujeitos de distintas origens que fazem a UNILAB, bem como com as comunidades e seus respectivos equipamentos que conformam os entornos da instituição. Importante destacar ainda que o que fundamenta as ações do UNICULTURAS é uma compreensão alargada das experiências estéticas, culturais e artísticas que as põe em um regime de centralidade na condução também de reflexões crítico-políticas e epistemológicas. Em outros termos, a motivação cultural que anima o grupo é, assim, possibilidade de transformação social concreta, nos remetendo, por exemplo, ao engajamento em lutas sociais como as que objetivam combater o racismo, a misógina, a xenofobia e o ódio de classe.

A cultura é sempre diversa, dinâmica e plural. Multiplicam-se pelas cidades do Maciço do Baturité os signos impressos nas falas, nos gestos, nas roupas, na música, na dança. Valorizar e respeitar a diversidade de manifestações culturais e artísticas dos espaços populares é um ato primordial de construção de uma sociabilidade renovada. Vislumbra-se, como efeito, a ampliação da circularidade de imaginários, de obras, de bens e práticas culturais nas cidades sob o primado da

1. Mestrando em Estudos Africanos -ISCSP-Universidade de Lisboa-Portugal. Especialista em Relações Internacionais (Faculdade Verbo Educacional), especialista em Gestão Pública, licenciado em Sociologia e Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e representante externo do Grupo Uniculturas. E-mail: gislailsondelfino@yahoo.com.br

comunicação entre próximos e distantes. Afinal, a cultura se torna mais rica quando expandimos as nossas trocas de imaginários, de saberes, de fazeres e convivências.

Favero (1983) é um dos autores que adotou essa perspectiva teórica em sua reflexão sobre a cultura, tendo definido com grande propriedade o conceito em seu trabalho sobre cultura popular e educação. Segundo o autor,

*a cultura é tudo o que o homem acrescenta à natureza; tudo o que não está inscrito no determinismo da natureza e que aí é incluído pela ação humana. Distinguem-se na cultura os seus produtos: instrumentos, linguagem, ciência, a vida em sociedade; e os modos de agir e pensar comuns a uma determinada sociedade, que tornam possíveis a essa sociedade a criação da cultura (FAVERO, 1983, p.78).*

Nesta acepção, pode-se afirmar que a cultura é um processo dinâmico e ininterrupto, construído no cotidiano das práxis sociais, a partir da experiência concreta de vida dos sujeitos, sendo trabalho que se materializa na ação humana. Diante disso, o grupo Uniculturas nasceu da ideia de criarmos um projeto contínuo de atividades culturais voltadas para a valorização das culturas africanas, brasileiras e também, timorenses. A UNILAB, a cada ano, é contemplada com diversas atividades culturais, dentre elas, as atividades alusivas às independências dos países parceiros. Nossa proposta é realizar mais atividades culturais contínuas e apresentar de um modo diversificado um pouco da cultura dos alguns países da UNILAB.

Com esse projeto, buscamos valorizar a diversidade como princípio de nossa formação identitárias, promover encontros nos eixos citados anteriormente como possibilidade do respeito à alteridade e promoção da tessitura de acontecimentos e intervenções artístico culturais como mediações necessárias à construção das narrativas propostas pela comunidade externa e interna.

Assim, conhecer o outro, nos reporta ao reconhecimento da complexidade do mundo, em busca de comunicação, esse movimento de descoberta grafado através das atividades propostas no grupo Uniculturas: música, dança, de desfiles, de teatro, enfim, buscando sempre a invenção de outra forma de registros e trocas que contribuam para o exercício pleno da integração. Nossa proposta se caracteriza por mobilizar, através das atividades, as diferentes formas de se integrar em um novo contexto, tendo como referência atores/autores sociais em seus territórios de identidade, em especial estudantes internacionais e nacionais de espaços culturais diferentes. Para Silva (2016), "os encontros e as atividades realizadas buscam incentivar a integração no ambiente escolar. Procurando 'desmitificar' os estereótipos [de pobreza, miséria e fome] que a mídia brasileira passou e passa sobre o continente africano" (SILVA, 2016, p.75).

## Metodologia de trabalho do grupo

A projeto em questão tem como metodologia principal, num primeiro momento, a promoção de encontros frequentes entre seus participantes com o objetivo de se "apropriarem" tanto teórica quanto praticamente de suas áreas de atuação, como as já citadas: música, dança, teatro, poesia etc. Esta relação dialética entre teoria e prática é o que permite o compromisso com a criticidade e a reflexão aguçada, evitando a reprodução mecânica das práticas. Há uma postura, assim, de constante "revisitação" das performances culturais que se busca partilhar, bem como o cultivo de uma sensibilidade para se oferecer formações – no caso de cursos, oficinas e seminários – pautadas pela responsabilidade também técnica. No que se refere à relação com as comunidades que serão palco de tais apresentações e atividades de formação, o grupo trabalha em parceria com outros projetos de extensão da própria UNILAB que já tem inserção em territórios, sobretudo, "vulneráveis" ou "sensíveis", partilhando das experiências culturais do grupo como forma de concreta contribuição. Outra via de trabalho

concerne ao contato com os cursos de licenciatura da instituição, configurando possibilidades de trabalho colaborativo nas escolas da região. Assim, há no bojo de experiências de estágio, PIBID ou Residência Pedagógica a mobilização de uma diversidade cultural operando a favor do combate ao racismo e à xenofobia, por exemplo, ao mesmo tempo em que se oferece uma imagem de África e suas expressões para além dos estereótipos e apreciações petrificadas.

### Três anos incentivando a integração: alguns resultados

Conforme citado anteriormente, o grupo Uniculturas foi criado em março de 2017, completando este ano (2020), três anos de

funcionamento. Durante esses três anos, a comunidade "unilabiana" e a comunidade externa tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais das culturas de cada país que fazem parte da Unilab. De acordo com os dados da relatoria do grupo, mais de oito mil pessoas participaram das diversas atividades realizadas pelo grupo (oficinas de danças, moda, música, culinária, línguas africanas, teatro), noites culturais, concursos de danças, exposição e dentre outros. Ainda, o grupo participou, na comunidade externa, em dezenas de atividades nas escolas municipais do Maciço de Baturité e de Fortaleza, além de atividades desenvolvidas em centros culturais, museus e em espaços artísticos. No que diz respeito a quantidade de membros do Grupo, em 2017 o grupo contava com 38 membros efetivos, hoje o grupo conta com mais de 140 membros de diferentes nacionalidades da Unilab.

Imagem 1 – Alguns/as integrantes do Grupo Uniculturas



FONTE: Arquivo do Uniculturas

### Considerações Finais

Com base nas informações apresentadas, podemos constatar que grupo Uniculturas é, sem dúvida, um projeto inovador e que busca incentivar a Integração dos países parceiros da UNILAB. Como próprio nome já diz, o Uniculturas "une" as mais diversas manifestações artísticas e culturais

e destaca a sua importância, particularidade e relevância para a comunidade acadêmica e, também, para a comunidade externa. Hoje, a comunidade tem a oportunidade de conhecer um pouco das culturas de cada país que fazem parte da Unilab, através das atividades desenvolvidas pelo Grupo Uniculturas.



## Referências

FÁVERO, O. (Org.). **Cultura popular, educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SILVA, Antonio Gislailson Delfino da. **Trajetórias De Estudantes Guineenses No Brasil**: Do Processo De Integração Ao Regresso/Retorno. /Antônio Gislailson Delfino Da Silva. Redenção, 2016.

Paulo Sérgio de Proença<sup>1</sup>  
Xavier Sanca Mendes<sup>2</sup>  
Gerson Felemon da Silva Less<sup>3</sup>  
Piquinina Oliveira<sup>4</sup>

## Coral Sem Fronteiras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês-BA

---

### Começando a conversa

O projeto Coral sem Fronteiras surgiu para contribuir para a dinamização das propostas da Unilab, principalmente nas questões ligadas à integração. O canto coral é uma ferramenta de socialização e de integração capaz de unir diferentes culturas. Essa é a grande motivação por que o Coral foi criado. Assim, apresentamos o projeto, seus componentes, suas atividades e desafios.

### Apresentando o projeto

O Coral sem Fronteiras da Unilab Campus dos Malês se comprometeu com a integração em seus mais diversos níveis de amplitude, que compreendem desde parcerias internacionais até envolvimento de pequenas comunidades interioranas localizadas no entorno de seus *campi*. Dentro e fora da Universidade, isso se dá por meio da participação de alunos e alunas das diferentes nacionalidades que fazem parte da Unilab em atividades que envolvam a comunidade local, em ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, as atividades do Coral contribuíram para efetiva integração entre as diferentes culturas que convivem na e com a universidade, dentro e fora dela.

O Projeto começou a funcionar no mês de julho de 2017, registrado no fluxo contínuo da Pró-Reitoria de Extensão da Unilab. Em 2018, ano em que funcionou a pleno vapor, o projeto passou a funcionar sob o amparo do PIBEAC-Programa de Bolsa de Extensão e cultura, quando passou a contar com duas bolsas.

### Trabalhando em conjunto. Como deve ser um coral

Os componentes da equipe, desde a sua constituição, foram estes: Xavier Sanca Mendes, guineense, Bacharel em Humanidades e graduando em Relações Internacionais, músico, atual regente do Coral, é monitor bolsista e o idealizador do grupo; Gerson Felemon da Silva Bless, cabo-verdiano, Bacharel em Humanidades e graduando em Pedagogia, músico, apoiador e monitor bolsista; Piquinina de Oliveira, guineense, Bacharel em Humanidades, graduanda em Pedagogia e monitora voluntária; Paulo Sérgio de Proença, professor do curso de Licenciatura em Letras, coordenador do projeto.

Os demais componentes do coral foram alunas e alunos e membros da comunidade externa à

---

1. Professor do Curso de Licenciatura em Letras da Unilab-Malês-BA, coordenador do projeto.  
2. Estudante guineense de Relações Internacionais, regente do Coral.  
3. Estudante cabo-verdiano de Pedagogia, músico.  
4. Estudante guineense de Pedagogia, componente da equipe de trabalho do Coral.

universidade; em suas diversas fases, o Coral sem Fronteiras chegou a congregiar mais de cinquenta participantes.

## Organizando Iniciativas

Para atingir os objetivos, foram realizadas estas ações:

- Curso de formação musical para os componentes, com duração de 3 meses, com enfoque na leitura rítmica, entoação e harmonização das vozes;
- Aulas de aprendizagem dos hinos nacionais ou canções nas línguas tradicionais ou nacionais dos países componentes da UNILAB;
- Ensaio de cantos representativos da cultura da comunidade onde se encontra a universidade;
- Participação em eventos dos municípios local e vizinhos;
- Participação em eventos para os quais a UNILAB-Campus dos Malês for convidada;
- Apresentação de palestras para conscientizar os membros do grupo sobre os objetivos da UNILAB e reforçar a integração;
- Ação musical conjunta com as secretarias de cultura dos municípios próximos e parceria com outros grupos musicais já existentes neles.

## Buscando apoios teóricos para organizar e orientar a prática

Embora este trabalho não seja um artigo acadêmico, no rigor do termo, são apresentadas algumas considerações teóricas sobre a

importância da música em geral e do canto coral em particular. Partimos desta reflexão de Nascimento (2011, p. 40):

[...] a música é um dos estímulos mais potentes para ativar os circuitos do cérebro, ajuda a afinar a sensibilidade das pessoas, aumenta a sua capacidade de concentração, desenvolve o raciocínio lógico-matemático e a memória, além de desencadear emoções. Por isso, os benefícios da música na escola se estendem para todas as áreas da aprendizagem.

A música pode contribuir para estimular e aprimorar o processo de aprendizagem. Com isso, deveria ser estimulada em ambientes de escolarização formal; contudo, pode-se admitir que o canto coral não é tão incentivado como deveria, nos diversos segmentos da sociedade em que poderia ter suas potencialidades exploradas. Predomina mais em comunidades religiosas e não estranha que nesses ambientes os vínculos entre os membros do grupo sejam mais fortes (isso não se explica, claro, exclusivamente pelo incentivo à prática do canto coral).

As universidades, exceto em cursos da área musical, não incluem em seus currículos disciplinas afins à música nem ao canto coral; contudo, desde que despertaram para a importância das ações de extensão, têm percebido a importância dessa atividade; ainda assim, apenas 18% das universidades do país têm um coral como matéria opcional nos seus currículos e, apenas 7%, oferece algum tipo de benefício para os alunos que optam para cantar no coral universitário, segundo Nascimento (2011, p.43).

Já está comprovada ao longo da história a importância da música para a vida humana. A Bíblia, por exemplo, fala do valor terapêutico dela; o rei Davi tocava sua harpa para aliviar o rei Saul de seus tormentos, conforme se encontra registrado no capítulo 16 de 1 *Samuel*. Além dessa dimensão pessoal de profundidade psicológica e emotiva, alcança a música amplitude de natureza social, interativa, com força para criar e manter vínculos interpessoais e comunitários significativos.

Dessa forma, estímulos à experiência afetiva e à sensibilidade estética se efetivam pessoal e comunitariamente; a socialização promove o encontro com o outro e valorização do grupo, além de incentivar a disciplina, o respeito e a cooperação. Além disso, há conservação da memória cultural sedimentada em sons e ritmos criados pela música.

Como se pode notar, a música é poderosa adjuvante no processo ensino-aprendizagem. Não só isso: a música em geral e o canto coral em particular se constituem relevante ferramenta de integração social. É por isso que até empresas com fins lucrativos se empenham em incentivar e patrocinar iniciativas na área musical.

Lima (2007) faz interessante e oportuna combinação entre o método de Paulo Freire e o canto coral. A combinação é seminal. A motivação reside no fato de que, apesar de o método do eminente educador se aplicar mais diretamente à área educacional (principalmente na educação de adultos), há diálogo proveitoso com diversas áreas do saber (LIMA, 2007, p. 60):

*A educação musical, as artes plásticas, o teatro, a educação artística, a sociologia, a pesquisa participante, as metodologias de ensino, a política de educação de meninos de rua e de crianças que vivem em áreas*

*de risco, são algumas das áreas que vêm sofrendo a influência dos ensinamentos de Paulo Freire, na busca pela inclusão social e pela participação de toda a população nos diversos seguimentos, contribuindo desse modo para a democratização de nosso país.*

A autora tem consciência de que o método Paulo Freire é resultado da forma com que aquele autor concebia a educação. Em todo caso, para entender o método e aplicá-lo em toda plenitude é necessária uma ação de conscientização, de libertação e de ética humanista (LIMA, 2007, p. 59). E, nesse desafio, a música em todas as múltiplas formas em que se expressa, é poderoso meio de construção desse ideal.

### Participando em eventos diversos

O Coral sem Fronteiras participou de eventos diversos, nos quais executou repertório diversificado, que incluiu a rica herança musical das culturas brasileira e africana. A primeira apresentação do Coral sem Fronteiras ocorreu na abertura do XVI Encontro de Corais do Recôncavo da Bahia (ECOS), realizado na Câmara de Vereadores de São Francisco do Conde, no dia 16 de novembro de 2017.

Imagens 1 e 2: Participação no XVI Encontro de Corais do Recôncavo da Bahia, em 16/11/17



FONTE: Acervo do Coral sem Fronteiras

A segunda apresentação do Coral ocorreu no encerramento do XVI ECOS, no teatro Dona

Canô, em Santo Amaro da Purificação, no dia 18 de novembro de 2017.

Imagens 3 e 4: Encerramento do XVI ECOS, no Teatro Dona Canô, em 18/11/17



FONTE: Acervo do Coral sem Fronteiras

O Coral marcou presença na Semana da Consciência Negra, organizada pela Escola Municipal

Antonio Carlos Magalhães do município Madre de Deus-BA, no dia 21 de novembro de 2017.

Imagens 5 e 6: Semana da Consciência Negra, em Madre de Deus-BA, em 21/11/17



FONTE: Acervo do Coral sem Fronteiras

No final de 2017, o Coral participou na primeira edição de "Vozes do Natal" da TV Bahia, no dia

29 de dezembro de 2017, no Largo do Tanque, em Salvador.

Imagens 7 e 8: Primeira edição de "Vozes do Natal", da TV Bahia, em 29/12/17



FONTE: Acervo do Coral sem Fronteiras

Em janeiro de 2018, o Coral participou da primeira edição Festival de Arte e Educação de São Francisco do Conde, organizado pela Secretaria

Municipal da Educação – SEDUC e do Encontro Municipal da Diversidade Religiosa, organizado na Câmara Municipal da mesma cidade.

Imagens 9 e 10: Festival de Arte e Educação de São Francisco do Conde e Encontro Municipal da Diversidade Religiosa, em janeiro de 2017



FONTE: Acervo do Coral sem Fronteiras

Em 8 de março de 2018, o Coral participou da Jornada Pedagógica realizada pela Secretaria

Municipal de Educação de São Francisco do Conde.

Imagens 11 e 12: Jornada Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de São Francisco do Conde, em 16/11/17



FONTE: Acervo do Coral sem Fronteiras

No dia 16 de junho de 2018, pela primeira numa formatura do Campus dos Malês, o Coral sem Fronteiras cantou os hinos nacionais dos países

da CPLP. O evento aconteceu na câmara dos vereadores de São Francisco do Conde.

Imagens 13 e 14: Formatura da Unilab-Malês, em 16/06/18



FONTE: Acervo do Coral sem Fronteiras

## Enfrentando desafios

Um primeiro desafio a ser registrado foi a baixa participação de membros da comunidade. Apesar de convites diversos e divulgação nos eventos de que o Coral participa, não contamos com número expressivo de componentes não universitários. Uma explicação possível é a sensação que ainda pode ser sentida de que a universidade não diz respeito a quem nela não estuda nem trabalha; essa sensação é forte, mas está sendo superada, embora muito lentamente.

Outro desafio foi a falta de recursos para aquisição dos instrumentos necessários aos ensaios e apresentações, como microfones, caixas de som, pastas, uniforme e materiais diversos; falta-nos, também, um espaço próprio para ensaios.

## Fechando a conversa

As ações do Coral sem Fronteiras foram exitosas e os objetivos do projeto foram alcançados: a Unilab está se fazendo presente em diversos eventos e ambientes, na cidade e na região. São muito importantes as ações extensionistas, que promovem a inserção da comunidade em seu entorno, com a convergência de interesses e ideais. Ganham todos e é confirmado o princípio de que dentro e fora da Universidade se ensina e se aprende.

## Referências

LIMA, Maria José Chevitarese de Souza. **O canto coral como agente de transformação sociocultural nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho**: educação para liberdade e autonomia. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (Instituto De Psicologia), 2007. Disponível em: <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/mjchevitarese.pdf>.

NASCIMENTO, Jurema Lúcia de Jesus; BUSS, Ricardo Niehues. **O canto coral como instrumento facilitador da aprendizagem no ensino superior**: o processo de socialização no canto coral. Revista São Luis Orione, v.1, n. 5, p. 37-59, jan./dez. 2011. Disponível em: <http://www.catolicaorione.edu.br/portal/wp-content/uploads/2015/01/O-Canto-Coral-como-Instrumento-Facilitador-da-Aprendizagem-no-Ensino-Superior-Revista-S%3%A3o-Luis-Orione-v-1-n-5-jan-dez-2011.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.



## O lugar das línguas africanas e sua relação com a formação de identidades na Unilab

---

### Considerações Iniciais

A Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é uma instituição pública brasileira de caráter internacional uma vez que é composta por estudante brasileiros, timorenses, angolanos, moçambicanos, bissau-guineenses, cabo-verdianos e são tomenses. A presença de alunos internacionais no espaço da UNILAB o transforma uma universidade internacional, de experiência única no mundo. Segundo UNILAB (2010), a instituição “visa promover, por meio de ensino, pesquisa e extensão de alto nível e em diálogo com uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e crítica, a formação técnica, científica e cultural de cidadãos aptos a contribuir para a integração entre Brasil e membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e outros países africanos visando ao desenvolvimento econômico e social.”

A UNILAB é uma instituição rica sob o ponto de vista da cultura, das línguas e de práticas pedagógicas versáteis uma vez que os professores adaptam (a todo momento) suas metodologias para atender estudantes de culturas diversas, de formações iniciais diferentes e de línguas diferentes. A todo momento os professores, funcionários auxiliares e estudantes em geral lidam com a questão cultura, o que faz com que a tolerância seja necessária a todo momento. Somos todos humanos, mas cada um é proveniente de cultura e tradição o que

exige cuidados no tratamento, na abordagem, na comunicação, nas formas de tratamento e sobretudo no respeito.

Essas questões fazem com que a UNILAB seja o lugar das culturas onde brasileiros aprendem com estudantes estrangeiros e vice-versa, pensando juntos na construção da ciência sem fazer perder nem aculturar o outro. Desta forma, “A UNILAB, ao fomentar e concretizar a cooperação Sul-Sul, atende a diretrizes internacionais que apontam tanto a importância de ampliar a oferta de cursos superiores em regiões carentes, quanto de ampliar as relações de cooperação com o continente africano” (UNESCO apud UNILAB, 2010, p.17).

O trabalho visa refletir sobre as atividades de extensão realizadas na UNILAB com relação ao ensino da cultura e de línguas africanas como propostas de integração internacional entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e o Brasil e o Timor Leste. Para este trabalho trouxemos um recorte sobre as relações entre as línguas e suas relações com as culturas africanas em contexto da UNILAB. Esta reflexão visa incentivar o ensino das línguas não oficiais porque elas são a fonte de identidade dos povos. Não existe uma sociedade sem língua e todas as línguas são importantes quanto aquelas que são oficiais.

---

1. Professor Adjunto de Instituto de Humanidades e Letras da Unilab-Malês/BA

Num primeiro momento (primeira seção) faremos um breve historial dos estudos iniciais sobre as línguas africanas. Em seguida (segunda seção) abordaremos o ensino das línguas africanas na UNILAB, trazendo a experiência de coordenador de Projetos de Extensão virados para o ensino das línguas africanas na UNILAB. A terceira e última seção faremos uma ponte entre as línguas e a culturas africanas apontando a relevância do seu ensino no resgate das identidades. O texto termina com apresentação de considerações finais e referências.

## Breve historial das línguas Africanas

Os primeiros estudos descritivos sobre a classificação das línguas africanas foram realizados por americanos e europeus que vieram para África em missões religiosas e expedições exploratórias, especialmente no século XIX. Desses pesquisadores, pode-se citar Joseph Harold Greenberg (1915-2001), Malcolm Guthrie (1903-1972), Clement Martyn Doke (1893-1980), Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek (1827-1875) e Carl Friedrich Michael Meinhof (1857-1944) que contribuíram com estudos descritivos sobre diversas línguas. Estudos de Jean L. Doneux que resultaram na publicação da obra *Histoire de la linguistique africaine: des précurseurs aux années 70* procuraram descrever, comparar, localizar geograficamente e identificar o grau de parentesco entre línguas. Esses e outros estudos contribuíram para avanços significativos na descrição das diversas línguas africanas.

Cabe-nos salientar que a ideologia colonial defendia que os africanos não tinham línguas, mas sim dialetos. A situação linguística africana ficou mais complexa no período da colonização porque os africanos deixaram de usar as suas línguas autóctones privilegiando as línguas europeias. Essa ideologia veio a ser confirmada no período pós-independência, uma vez que todos países africanos oficializaram pelo menos uma língua de origem europeia (ABDULA, TIMBANE & QUEBI, 2017).

O continente africano possui quatro grandes famílias de línguas, nomeadamente nigero-

congolesa (com 1436 línguas), afro-asiática (371 línguas), nilo-saariana (196 línguas) e khoisan (35 línguas), dados que nos levam a estimar em mais de 2000 línguas, segundo Heine e Nurse (2000), Ngunga (2015), Maho (2009) e Petter (2015). As sociedades africanas sempre souberam fazer uma política e o planejamento adequado das suas línguas e, por essa razão, as línguas ficaram preservadas ao longo dos séculos mesmo sem tradição escrita. Cada grupo étnico sabe qual língua usar para cada situação de comunicação, uma vez que o plurilinguismo corresponde ao uso comum no continente africano.

A chegada dos colonizadores europeus mudou o cenário linguístico de África. Primeiro, porque falantes da mesma língua ficaram separadas devido a partilha do continente ocorrida na Conferência de Berlim em 1884 e 1885; segundo, porque as línguas africanas foram proibidas pelo sistema colonial atitude que inibiu o seu desenvolvimento ao longo das décadas da colonização; terceiro, porque as línguas oficiais de origem europeia ficaram confinadas nas grandes cidades enquanto que as autóctones eram usadas nas zonas rurais.

Hoje, nos PALOP predomina o português sob o ponto de vista da oficialidade, mas a vida prática é dominada pelas línguas africanas. Quando falamos de línguas africanas incluímos o crioulo de qualquer base que tenha surgido no espaço geográfico chamado África (TIMBANE & MANUEL, 2018). Sendo assim, os alunos que chegam na UNILAB são provenientes de comunidades multilíngues. Para além disso, esses alunos chegam dominando as variedades de português do seu grupo social de origem. Isso cria impasse num primeiro momento porque a variedade brasileira de português é diferente da variedade angolana do português exemplo. Os professores se desdobram em compreender

## O ensino das línguas africanas na Unilab

Alguns estudantes africanos chegam na UNILAB sem conhecer as línguas faladas nos seus

países porque têm o português como primeira língua. Os alunos brasileiros descobrem a sua cultura por meio das línguas africanas porque o português brasileiro recebeu contribuição de diversas línguas africanas sobretudo em nível do léxico (PETTER, 2015). Os diversos cursos de línguas africanas dos Cursos de Extensão na UNILAB despertam a curiosidade em muitos estudantes porque esses estudantes nasceram e cresceram em ambientes onde se valorizava a língua autóctone oficial (o português) em prejuízo das línguas autóctones. O projeto desenvolvido na UNILAB tinha como título: "Diálogos entre Línguas e Culturas africanas e afro-brasileiras no campus dos Malês". Os cursos de Língua e Cultura africanas constituem um espaço de partilha de conhecimentos sobre as línguas africanas, em especial as línguas do grupo bantu assim como as culturas que moldam as mesmas. Muitos estudantes africanos nasceram e cresceram nas grandes cidades dos PALOP e não conhecem as línguas das suas comunidades.

Sendo assim, estes cursos são uma oportunidade de aprender, valorizar e preservar essas línguas para que sejam revitalizadas e ensinadas pelas futuras gerações. Para os brasileiros, é um momento de aprender as línguas dos ancestrais e conhecer os significados de diversas palavras ainda existentes no Candomblé, nas danças e nas tradições africanas e afro-brasileiras que resistem ao tempo. Os cursos não ensinam apenas as línguas africanas dos PALOP, mas também inclui aspetos da cultura que se voltam para essas línguas.

Outro projeto desenvolvido na UNILAB foi "Ensino-aprendizagem de línguas crioulas de base portuguesa: o guineense". Este projeto de extensão objetivou desenvolver atividades de ensino-aprendizagem de línguas crioulas de base lexical portuguesa, mais especificamente do guineense, falado na Guiné-Bissau e também no Senegal (na região de Casamança).

Dentre as diversas línguas crioulas, o guineense foi escolhido pelo fato de grande parte dos estudantes estrangeiros da UNILAB ser

proveniente da Guiné-Bissau e falar o guineense (em geral como língua materna). Nos corredores da universidade e mesmo na cidade de São Francisco do Conde, é comum ver os estudantes guineenses se comunicando entre eles em guineense, ininteligível para a maioria dos falantes de português.

Diante desse cenário, o ensino do guineense permitiu que outros estudantes da UNILAB e (inclusive) a comunidade externa conheçam um pouco mais da cultura de outro país através da língua. Ademais, para os guineenses, o ensino de sua língua no ambiente universitário significa uma valorização dessa língua, que ainda hoje na Guiné-Bissau é alijada da escola e da comunicação formal, e o reconhecimento de que ela é tão legítima quanto o português, não sendo defectiva ou inferior (rótulos muitas vezes atribuídos às línguas crioulas).

Foram realizados 10 cursos desde 2018 e muitos alunos tiveram a oportunidade de redescobrir as suas línguas maternas. Falar uma língua é diferente de saber descrevê-la. Então, mesmo os que falavam crioulo, kimbundu, umbundo, etc. tiveram a oportunidade de compreender como funciona a estrutura gramatical das suas línguas. Para além disso, fenômenos como provérbios, idiofones e reduplicações constituíram um momento de descoberta da cultura dos povos originários. De lembrar que os cursos foram ministrados por estudantes bolsistas e voluntários provenientes dos grupos étnicos dessas línguas.

## A língua e a cultura africanas

Para o antropólogo inglês Edward Taylor, a cultura é um conjunto complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral e direito, além de costumes e hábitos adquiridos pelos indivíduos inseridos numa determinada sociedade. A cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. Para Santos (2006), a cultura diz respeito a tudo aquilo

que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Mas também pode ser um conjunto de conhecimentos, de ideias e de crenças, assim como as maneiras como esse conjunto de conhecimento se manifesta na vida social.

Para Cuche, "o processo que cada cultura sofre em situação de contato cultural, processo de desestruturação e depois de reestruturação, é em realidade o próprio princípio da evolução de qualquer sistema cultural. Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução" (CUCHE, 1999, p. 137). Se a cultura é instável, como é que a língua como parte integrante permanecerá estática? É claro que a língua vai acompanhar esse processo dinâmico da cultura. Cuche (1999) conclui que "não existem, conseqüentemente, de um lado as culturas *puras* e de outro, as culturas *mestiças*. Todas, devido ao fato universal dos contatos culturais, são, em diferentes graus, culturas *mistas*, feitas de continuidades e de descontinuidades" (CUCHE, 1999, p. 140, grifos do autor). Esta reflexão com a cultura nos leva a pensar que com língua acontece a mesma coisa. Não existe uma língua pura. Uma língua é uma soma de várias línguas e sempre está sujeita a influência de outras.

Ligando a palavra "léxico" com "cultura" surge o neologismo lexicultura que segundo Timbane (2014, p. 46) é "o conjunto de itens lexicais que caracterizam e especificam uma determinada comunidade linguística". A lexicultura se divide em duas partes: a) A **lexicultura geral**, aquele conjunto de itens lexicais que são identificados por toda comunidade linguística, neste caso, a comunidade lusófona; e b) A **lexicultura específica**, que se refere ao conjunto de itens lexicais que caracterizam uma variedade ou variante específica, ou seja, pertence a um grupo restrito. Pertencem a este grupo os angolanismos (NEGRÃO & VIOTTI, 2014), os brasileirismos (MASSINI-CAGLIARI, 2011), os moçambicanismos (TIMBANE, 2013) até os dialetos mais conhecidos como o dialeto caipira, etc.

A língua é instável, dinâmica e criativa. A todo o momento, a língua tenta se adaptar às novas

realidades sociais, econômicas e políticas. Todas as manifestações da língua se verificam (se materializam) na fala, no indivíduo e é lá onde ocorrem as primeiras manifestações de variação e mudança linguísticas. É um processo de formação de signos linguísticos, estruturas semânticas, sintáticas, usados pelos falantes (nativos e não nativos) que se relacionam ao contexto, ao ambiente em que os indivíduos frequentam e/ou aqueles que estão ao seu redor.

A fala é um ato da faculdade humana, esse saber é depositado na mente de cada indivíduo, que necessita inteiramente deste emaranhado de signos combinatórios para que haja uma compreensão, fazendo-se inicialmente uma comunicação. Desta forma, o léxico é geral e a ampliação lexical num idioma é um fenômeno natural, embora haja países que controlam (através de Comissões e Comitês de julgamento linguístico) a entrada e a integração de neologismos na língua. A cultura seria, no entanto, o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas.

A "nossa língua", a LP é composta por um conjunto de possibilidades em todos os níveis (fonético-fonológico, semântico, lexical, morfológico, sintático e pragmático) que se ligam e se cruzam no momento da comunicação. Em nível lexical, Timbane (2013) cita diferenças dos termos de futebol no português do Brasil e no português de Moçambique. Observa-se, por exemplo, que as palavras **escanteio**, **gandula**, **tira-meta**, **rodada**, **cavadinha** no português do Brasil correspondem a **canto**, **apanha-bolas**, **ponta-pé de baliza**, **mão**, **chapéu** no português de Moçambique. Para Timbane (2013) a língua portuguesa falada/escrita hoje é resultado de constantes modificações ao longo de vários séculos fato que confirma a

tese de que as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação de significados.

A língua portuguesa pertence aos falantes das variedades e a eles serve para satisfazer as necessidades comunicativas pontuais. Sem a variedade seria impossível exprimir ideias e realidades próprias dos diversos lugares geográficos. Segundo Antunes (2009, p.22) a "língua sob a forma de uma entidade concreta, não existe. O que existe são falantes; são grupos de falantes". São estes grupos de falantes que precisam ser respeitados, ser respeitado a sua história, os seus modos de interpretar o mundo, suas crenças, enfim sua cultura. Toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, da semântica, da fonética e da morfossintaxe.

A cultura o conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. Se a cultura é instável e dinâmica, então, a língua segue os mesmos passos mudando e variando ao longo do tempo e no espaço. Se fenômeno variação e mudança não ocorresse no espaço lusófono estaríamos falando latim ou galego em vez de português.

## Considerações Finais

A língua é, sem dúvidas, um instrumento de comunicação, mas também um meio de transmissão da cultura e os valores tradicionais. Ao proibir o ensino de uma língua está-se negando a transmissão da cultura de um povo e viola a declaração Universal de Direitos Linguísticos (UNESCO, 1996). Ao desprezar o uso de uma língua está-se ferindo com as identidades dos falantes. O ensino de línguas africanas na UNILAB e em especial nos Cursos de Extensão, é um momento importante e rico para todos os estudantes. É um momento de troca, de volta às raízes, de descoberta das identidades e do passado

histórico dos africanos que tanto contribuíram para a formação da identidade brasileira.

O lugar as línguas na UNILAB ainda são respeitadas pela Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) que ainda lança editais de projetos que aceita cursos de línguas. Geralmente se oferece uma bolsa apenas para cada professor, o que em muitos momentos não é suficiente. A demanda por cursos de extensão na área de línguas é grande porque a graduação é o momento em que os estudantes aproveitam adquirir uma grande gama de conhecimentos que ajudarão na definição do que vão fazer na pós-graduação.

O lugar das línguas ainda precisa ser maior porque só assim é que se vai reduzir o preconceito linguístico com relação às línguas não oficiais. No Brasil tem várias línguas indígenas que ainda não têm espaço na Universidade. Isso não é positivo se entendermos a língua como um fenômeno social que se liga à cultura de um povo. Nos PALOP, as línguas locais ainda não são meios de ensino. O preconceito ainda prevalece. Falta uma política linguística que efetivamente valorize e coloque em prática o ensino e divulgação nessas línguas autóctones. A UNILAB deve se transformar num ambiente motivador para que as línguas indígenas brasileiras e línguas africanas tenham espaço para expandir. Falta a criação, produção e publicação de dicionários e gramáticas que efetivamente descrevem as línguas autóctones.

## Referências

- ABDULA, R. A. M.; TIMBANE, A. A.; QUEBI, D. O. As políticas linguísticas nos PALOP e o desenvolvimento endógeno. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**. IV Série, n. 31, 2017, p. 23-46.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DONEUX, J. L. **Histoire de La linguistique africaine**: des précurseurs aux années 70. Paris: PUP, 2003.
- HEINE, B.; NURSE, D. **African languages**: an introduction. Cambridge: CUP, 2000.
- MAHO, J. F. **The online version of the new updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages**. NUGL Online. p.6-124, 2009.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Discutindo questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, 40 (2): p. 795-807, mai.-ago. 2011.
- NEGRAO, E. V.; VIOTTI, E. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. **Revista Lingüística**. v.30, n.2, p. 289-330, 2014.
- NGUNGA, A. **Introdução à linguística africana**. Maputo: Imprensa Universitária, 2015.
- SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- TIMBANE, A. A.; MANUEL, C. Os crioulos em África são línguas de base portuguesa? Embate sobre os conceitos. **Revista de Letras Juçara**, Caxias, v. 02, n. 02, p.107-126, dez. 2018.
- TIMBANE, A. A. **A variação e a mudança linguística da língua portuguesa em Moçambique**. (Tese). Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2013.
- TIMBANE, A. A. **A lexicultura no português de Moçambique**. Revista Linguagem e Estudos Linguísticos. v. 18, n. 2, p. 43-59, 2014.
- UNESCO. **Declaração Universal De Direitos Linguísticos**. Barcelona de 6 a 9 de junho de 1996.
- UNILAB. **Diretrizes Gerais**. Ceará: UNILAB, 2010. Disponível em: <[http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes\\_Gerais\\_UNILAB.pdf](http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf)>. Acesso em: 02jun.2020.

## Colorismo Transatlântico: sobre cabelos e marcas da pele para mulheres negras africanas e afro-brasileiras

---

### "hasta aquí, hasta llegar a mí

(...) você diz reconhecer  
o gosto de amar que trago na boca  
os tons de terra que trago na pele  
fácil perceber então que  
atravessamos percorremos  
os mesmos oceanos os mesmos continentes  
hasta aquí

: somos filhos da África  
e tudo que contamos através dos nossos corpos  
fala sobre nós, mas no profundo da memória  
guarda nossos ancestrais."

Esse excerto da poesia de Lubi Prates, poeta, editora e tradutora negra brasileira de São Paulo, é elucidativo daquilo que pretendo trazer nas páginas que seguem: marcas do corpo que caracterizam o que chamo de colorismo transatlântico. Toda marca que nesse corpo encontramos pode ser produtora de traumas, força e resistência. "Tudo que contamos através de nossos corpos fala sobre nós". No corpo guardamos história e imprimimos no mundo nossa forma de expressão artística. Corpo se faz importante porque é através deles que construímos nossa história diaspórica. Foram corpos, em sua materialidade, que atravessaram o Oceano Atlântico. É com nossos corpos que compusemos parte do continente africano em terras estrangeiras. Quando pensamos no que vem a ser negre, pensamos em pele, textura do cabelo,

traços da boca, nariz e formato dos quadris. É o corpo que nos remete à nossa marca no mundo. Somos um corpo negro.

Nosso corpo é suporte para a inventividade e para a arte. Carregamos vários símbolos diacríticos de nosso pertencimento étnico em nossos corpos. Nos cabelos, essa parte maleável e emoldurável, imprimimos formas de estar no mundo. Nossos cabelos falam se estamos em uma festa, se nos amamos, se temos dificuldade em lidar com sua textura, se optamos por buscar a liberdade. Ademais, podemos ver nas tatuagens de mulheres negras a expressão de nossa identidade negra, ligação com a ancestralidade, resistência. As intervenções genitais femininas são tema de debates acalorados em todo o mundo e dividem opiniões sobre ser contra ou a favor de suas práticas. As escarificações encontradas em alguns povos africanos contam a história das mulheres. Elas foram e são muito tempo alvo de variados preconceitos.

Variadas formas de conceber o corpo. Estamos falando de corporalidades. No plural. Mesmo entre você e sua irmã o corpo se configura de forma diferente. Como bem falou Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da Plantação*, nós sujeites negres nos "tornamos a representação mental daquilo que o sujeito branco não quer

---

1. Professora Adjunta no Instituto de Humanidades da Universidade da integração da Lusofonia Afro-brasileira. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

parecer". Assim cabelo crespo é lido como sujo, escarificações são lidas como feias, intervenções genitais femininas são lidas como proibitivas sem pensar em soluções rituais que as substituam, tatuagens são lidas como marcas de marginais.

Minhas palavras farão ecoar as de muitas mulheres negras que pensaram/pensam o nosso corpo negro. Teoricamente, na experiência de vida, espiritualmente. Assim, irei delinear uma reflexão produzida a partir minha experiência como mulher negra na diáspora e minhas investigações sobre as percepções étnicas no continente africano. Minha voz não está sozinha. Falo com e a partir de mulheres negras: nos Estados Unidos, na América Latina, na Europa; e também em Moçambique e a partir de mulheres de Guiné-Bissau. Essas vozes, múltiplas, formam um palimpsesto de universos corpóreos que nos diz de diferenças e aproximações. É preciso falar daquilo que nos separa e nos faz singular, porque é na diferença que compomos mundos. Mas é preciso também falar do elo que nos aproxima. E, malgrado, o colonialismo e seus efeitos sobre nossos corpos é um deles.

Uma dessas mulheres que me ajudam a pensar é a Beatriz Nascimento. Mulher historiadora, negra quilombola, Beatriz, escreveu ideias muito potentes para nossa lida do cotidiano. Lida que pode ser entendida como o trabalho árduo que o corpo escravizado teve que vivenciar. Foi lendo Nilma Lino Gomes, pedagoga, ex-ministra da Secretaria de políticas de promoção da igualdade racial no governo Lula, que percebi que essa lida remete à luta, remete ao esforço, remete à superação, à resistência. Assim, a diáspora africana, esse espaço corpóreo formado por homens, mulheres, pessoas negres, enfim, é parte constitutiva do continente África. Esse continente imenso, cheio de histórias. Algumas dessas histórias interrompidas, outras apropriadas, foi e é espaço presente no imaginário negre brasileiro e latino americano que se transforma e se recria no fazer, ser e sentir. A diáspora forma aquilo que Lélia Gonzales chamou de América: processo de africanização do continente americano. Assim, é importante considerar que somos um espaço-

corpo da África no Brasil. Quando pensarmos em uma constituição de povo, devemos incluir nele o continente africano – nossa Mãe África – e toda a diáspora que está por todo espaço do mundo.

Mas o que significa dizer que África comporta espaços físicos para além do continente? Quais as implicações dessa afirmação? Quando fui pela primeira vez em Maputo, capital de Moçambique, eu tinha construído um espelho que precisava ser ajustado. Um espelho distorcido: depois de anos negando minha negritude eu a assumi inspirada por uma estética africana. Ou seja, se quando eu era criança eu não via no espelho o que via na televisão – corpos de mulheres brancas, muito brancas, muitas delas loiras dos olhos azuis –, quando fui me descobrindo negra eu me via em fotografias de mulheres africanas e assim me identificava com elas esteticamente. Criei para mim uma estética a seguir, um espelho onde eu finalmente eu poderia me enxergar.

Qual não foi a minha surpresa quando minhas interlocutoras de pesquisa em Maputo não me identificaram como uma delas!? Quando eu descobri que meus cabelos são os mais desejados entre elas. E que ser mestiça em uma capital multiétnica e com configurações complexas tem seu mel e seu veneno? Precisei olhar para mim novamente, pensar meu corpo e minha identidade e entender que corpo negro é esse o meu nesse mundo que agora se tornava ainda mais vasto. O tom de terra que trago na minha pele me faz uma mulher negra no contexto em que nasci. Esse mesmo tom de terra em solo moçambicano me faz ser lida como mestiça ou mesmo mulungo (branca). Quando penso em meus cabelos penso no sofrimento que senti quando era uma criança desprotegida e que odiava a sua textura capilar. Mas quando realizei o projeto de extensão "Tramas e tranças: cabelos e tecidos na construção da identidade africana e afro-brasileira" vejo que a indústria dos cabelos cacheados elegeu um cabelo que é mais bonito do que outro. Que existe uma hierarquia das texturas. Vivemos o que nomeio colorismo transatlântico.



Há um objeto cuja presença eu ouvia falar muito quando eu era criança: o pente de ferro. Eu início com ele porque sua presença diz sobre uma memória vivas que marcam nossa *psique*. Presente nas periferias negras do Brasil, no interior dos países africanos e na memória das mulheres negras mundo afora, o pente quente, ou pente de ferro é um objeto-sacrifício: com ele deixamos queimaduras de nossa pele e com ele lutamos para termos um cabelo liso. Se puxarmos em nossa memória lembraremos que ele fritava o cabelo e emitia um cheiro muito ruim, que lembra cheiro de carne queimada. Quando o utilizávamos, ele soltava uma fumaça e muitas vezes sua memória nos remete ao sofrimento. Mas rememorar o uso do pente de ferro não é somente nos conectar à tristeza. Era também um momento de nos encontrar entre as pernas das nossas tias ou irmãs e trocas afetividades na família.

Esse instrumento, nos diz Silva (2008), pode ser lido como objeto de tortura. Isso porque ele significa a anulação de uma identidade – negra – e a imposição de outra – branca. Ele deixa marcas na pele com queimaduras. Essas marcas nos remetem às marcas que os senhores de escravo deixavam nas peles dos seus objetos-gente. Carne marcada como gado, desumanizava e desumaniza nossos corpos. O pente de ferro pode ser entendido como extensão dessa memória dolorida, pois divide o mundo entre “nós” e “eles”. E apaga nossas diferenças dentro do nosso próprio universo que é rico e diversificado. Observe sua família, quantas texturas são possíveis de encontrar na estrutura capilar? Quantas possibilidades e diferenças temos entre nós mulheres negras? Na textura da pele, nos traços corporais, na textura do cabelo. O “nós” que esse tipo de objeto cria remete ao normal, ao belo e ao desejado. Enquanto “eles” que somos nós mulheres negras, somos relegadas ao sujo, ao impuro, ao feio e indesejado. As origens da representação negativa do cabelo crespo nos remetem ao século XVIII. Cientistas evolucionistas dessa época hierarquizavam as “raças” humanas e as categorizava a partir da pigmentação da pele, da textura do cabelo e da estrutura do crânio e do corpo.

Muita tinta foi gasta para falar dos efeitos danosos das teorias da democracia racial. Sabemos que ela não passa de uma farsa que escamoteia as relações de poder que encontramos no seio da sociedade brasileira. Ao contrário desse paraíso idílico onde pessoas negras e brancas convivem pacificamente gosto de pensar no *Apartheid de afetos* que surgem quando há encontros entre corpos-mundos: língua, corpo, cor da pele, textura do cabelo. Se temos em nossas famílias pessoas brancas, negras e indígenas sabemos que nosso fenótipo vai criar uma relação de rejeição, interdição ou de aceitação. Falando de forma direta, minha mãe ouvia, quando criança que era preciso embranquecer a família uma vez que ela era a mais preta dentre nós.

Hoje, muitos movimentos negros têm se alastrado pelo país provocando uma verdadeira revolução interna em corpos e mentes de pessoas negras. Crianças estão aprendendo a amar seus cabelos desde muito pequenas. Podemos pensar, por exemplo, na MC Sofia que canta rap sobre sua realidade de menina negra. Essa mudança, nada silenciosa, pode ser indício de que se construa não um *apartheid de afetos*, mas um amálgama de sentidos. O corpo negro é positivado, as pessoas valorizam esse corpo e querem amá-lo. Claro que essa realidade é ainda uma Utopia. Mas o que seria de nós se não fabulássemos sobre os mundos que queremos?

Quando fui para Maputo, a capital de Moçambique, eu pude presenciar o cotidiano de mulheres, sobretudo de classe média e seus rituais de cuidados com os cabelos. Geralmente localizados na parte de fora da casa, no quintal, o momento de cuidar do cabelo era compartilhado com as mulheres da família ouvindo música, vendo vídeo cliques e conversando. Muitas vezes bebendo a bebida preferida. Dentre as conversas estavam presentes debates sobre o cuidado com a família, as relações com os maridos, o cuidado com os filhos. Esse momento é vivenciado a partir de variadas trocas: trocas de afetos, do toque e da suspensão do tempo. O toque é algo compartilhado entre mulheres. Uma se acomoda entre as pernas da outra e sente o afago em suas

cabeças. O tempo dedicado à beleza, suspende o tempo do trabalho e da dedicação ao trabalho.

Minha inserção entre alunas guineenses e brasileiras a partir do projeto de extensão supracitado me permitiu pensar em representações distintas de formas de perceber a beleza. A partir disso que chamo de colorismo transatlântico, a saber, o encontro de cor da terra que tingem nossos corpos a partir de contatos intercontinental. Esse encontro produz dilemas identitários, desencontros e aproximações entre mulheres que possuem diferentes perspectivas de negritudes. Como disse Fernando Sanha em conversas onde pensamos alto em nosso café da manhã, aqui no Brasil para tudo existe um nome. A discriminação de raça recebe o nome de racismo, a discriminação de gênero pode receber o nome de sexismo. Para todo tempo uma explicação e teorizamos sobre todas as formas de relações existentes. Segundo ele, no continente as pessoas vivem. Simplesmente vivem. E não procuram explicações para aquilo que praticam.

Minhas alunas do projeto de extensão disseram se verem como negras apenas a partir da sua chegada no Brasil. Os signos diacríticos de diferença em Guiné-Bissau são étnicos, sendo esses atravessados por signos daquilo que chamamos de raça. Para pensarmos as formas de racialidades encontradas no continente temos que levar em conta não as noções de raça aqui forjadas, mas as noções étnicas. A fim de conclusão do texto afirmo que se as minhas amigas africanas precisam apreender o significado de ser negra no Brasil nós, mulheres negras brasileiras, precisamos apreender a complexidade da composição africana. "Sou preta, preta penso e sinto assim".

## Referências

NASCIMENTO, Beatriz (1974). In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza; Imprensa Oficial: São Paulo, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, no. 21, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista de Ciências Sociais hoje, Anpocs, 1984.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro. **Cabelos e memória no museu da maré**: reflexões sobre usos e significados do pente quente. Anais do Museu Histórico Nacional Vol 1. (1940). Rio de Janeiro. Volume 40, 2008.